

LUCIO COSTA E A ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL: VISÃO E LEGADO

DAL MOLIM, Thales Felipe¹
ANJOS, Marcelo França dos²

RESUMO

A presente pesquisa aborda a importância do arquiteto e urbanista Lucio Costa para a arquitetura moderna brasileira. Utilizou-se do método histórico através de um levantamento bibliográfico sobre o determinado tema. Como casos de estudo, optou-se por três episódios importantes para a arquitetura moderna brasileira e nos quais Lucio Costa exerceu papel fundamental: a reforma na Escola Nacional de Belas Artes, o edifício do Ministério da Educação e Saúde, e a realização de Brasília. O problema da pesquisa indagou: qual destes três episódios teve maior relevância para a arquitetura brasileira? A hipótese inicial pressupõe que a realização de Brasília obteve maior relevância. O trabalho objetivou relatar a importância de Lucio Costa para a arquitetura moderna brasileira. Para tanto, a pesquisa contemplou: os motivos e acontecimentos que possibilitaram a ascensão e a difusão da arquitetura moderna no Brasil; o papel vital desempenhado por Lucio Costa na implantação da nova arquitetura no país; abordagens que relacionam os casos de estudo com a importância de Lucio Costa em cada um deles; a relevância de cada um dos casos de estudo para a arquitetura brasileira; e as análises do que foi relatado. Nas considerações finais considera-se que o problema da pesquisa foi respondido, sendo a hipótese inicial confirmada.

PALAVRAS-CHAVE: História da arquitetura. Arquitetura Moderna. Brasília. Lucio Costa.

LUCIO COSTA AND MODERN ARCHITECTURE IN BRAZIL: VISION AND LEGACY

ABSTRACT

This research addresses the importance of the architect and urban planner Lucio Costa to Brazil's modern architecture. The methodology used was the historical method, through literature researches. As case studies, three important episodes in Brazil's modern architecture in which Lucio Costa played a key role were chosen: the reform in the National School of Fine Arts, the building of the Ministry of Education and Health, and the realization of Brasília. The problem found was: which of these three episodes had greater relevance to Brazilian architecture? The initial hypothesis assumed that the realization of Brasília gained greater relevance. The objective of the study was to report the importance of Lucio Costa to Brazil's modern architecture. To this end, the research included: the reasons and events that enabled the rise and diffusion of modern architecture in Brazil; the vital role played by Lucio Costa in the implementation of modern architecture in the country; approaches that relate the case studies with the importance of Lucio Costa to each of them; the relevance of each of the case studies for Brazilian architecture; and an analysis of what was reported. In the conclusion, it is considered that the research problem was answered, and the initial hypothesis confirmed.

KEYWORDS: History of architecture. Modern Architecture. Brazil. Lucio Costa.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como assunto a arquitetura moderna brasileira, sendo o tema um estudo a respeito da importância do arquiteto e urbanista Lucio Costa para esta.

O trabalho se justifica pela relevância presente no tema para o desenvolvimento do pensamento acadêmico e da arquitetura nacional. Busca-se trazer para o meio acadêmico um maior conhecimento e aprofundamento sobre a arquitetura moderna brasileira e a visão e legado de Lucio Costa.

Segundo Bruand (2004), Lucio Costa desempenhou um papel fundamental na implantação da nova arquitetura no Brasil, tratando-se indiscutivelmente de uma das principais figuras na arquitetura e urbanismo brasileiros no século XX, o que pode ser comprovado diante dos consideráveis feitos em prol da arquitetura brasileira que este realizou.

Dentre tais realizações, Wisnik (2001) destaca o protagonismo de Lucio Costa em três episódios fundamentais na história da arquitetura brasileira: a reforma na Escola Nacional de Belas Artes; o projeto do Ministério da Educação e Saúde Pública; e a realização de Brasília. Sendo assim, tomando estes três episódios como casos de estudo, o problema apresentado pela pesquisa é: qual destes três episódios teve maior relevância para a arquitetura brasileira?

A hipótese inicial afirma que a construção da cidade de Brasília obteve maior destaque para a arquitetura brasileira, devido a sua grande importância e notoriedade, não apenas como a nova capital do país, mas como um fenômeno que atingiu todo o campo da arquitetura e urbanismo no mundo todo.

Considerando o problema e a hipótese inicial da pesquisa, têm-se como objetivo geral: relatar a importância de Lucio Costa para a arquitetura moderna brasileira. Para tanto, são definidos como objetivos específicos: resgatar a época e contexto nos quais a arquitetura moderna brasileira se desenvolveu; relatar a importância de Lucio Costa nos três casos de estudo definidos; destacar a relevância de cada um dos casos de estudo para a arquitetura brasileira; analisar os dados obtidos e responder ao problema da pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e histórico, que, segundo Marconi e Lakatos (2010), busca “investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.91). Os instrumentos de coleta de dados baseiam-se em levantamento bibliográfico sobre o determinado tema, sendo a coleta efetuada de forma analítica, ou seja, feita com base em textos selecionados (GIL, 2010).

¹ Acadêmico – Graduando (2014) em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz. thalesfdm@gmail.com

² Docente orientador – Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz

Sendo assim, a reflexão toma como pressupostos teóricos os conceitos elaborados por Wisnik (2001), Segawa (1999), Bruand (2005), entre outros, assim como relatos e textos da época, organizados por Alberto Xavier no livro *Depoimento de uma Geração* (2003).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO

A arquitetura contemporânea, no Brasil, passou por duas fases distintas, a primeira marcada pela imitação dos modelos europeus e a segunda pela inovação dos artistas brasileiros. Durante a primeira fase, que durou até 1930, caracterizou-se pela predominância do ecletismo, pela falta de originalidade e pela cópia dos estilos europeus do século XIX. Durante este período, de acordo com Bruand (2005), apenas o “movimento neocolonial” originou alguns edifícios de qualidade.

As transformações econômicas, tecnológicas, políticas e sociais, iniciadas com a Revolução de 1930, como aponta Bruand (2005), permitiram o surgimento da segunda fase da arquitetura moderna brasileira, caracterizada pelo triunfo de uma nova arquitetura, fruto do racionalismo internacional e da influência de Le Corbusier.

O surgimento e a ascensão da arquitetura moderna no Brasil ocorreram juntamente com o movimento modernista, iniciado na primeira metade do século XX, que apresentou novos paradigmas culturais e artísticos. Para estudar estas fases experimentadas pela arquitetura brasileira, torna-se indispensável refletir sobre o contexto histórico e artístico que proporcionou estas transformações.

2.1 O MOVIMENTO MODERNISTA

O movimento Modernista iniciou-se na última década do século XIX e na primeira década do século XX e teve repercussões em diferentes campos do conhecimento, a exemplo das artes, das ciências sociais, da economia, da filosofia, da história, entre outros, promovendo mudanças significativas no contexto da literatura, da arquitetura, da pintura e demais linguagens artísticas no que diz respeito a rupturas de formas e apresentação de conteúdos, sobretudo, a pesquisa de novas linguagens e novas representações. Neste momento, surgiram correntes artísticas que visaram, de acordo com Giulio Carlo Argan, no livro *Arte Moderna* (1992), “[...] interpretar, apoiar e acompanhar o esforço progressista, econômico-tecnológico, da civilização industrial” (ARGAN, 1992, p.185).

Para Harrison (1999), modernização, modernidade e modernismo são três conceitos que não devem ser confundidos. “Modernização” refere-se à série de processos tecnológicos, econômicos e políticos associados à Revolução Industrial e suas consequências; “modernidade” são as condições sociais e experiências, que podem ser descritas como o efeito desses processos. Já o “modernismo”, é um conceito mais complexo, tratando-se de uma forma de “valor”, em geral associada a apenas algumas obras, pertencentes a uma categoria especial no interior da cultura ocidental do período moderno.

2.1.1 O modernismo na arquitetura

Segundo Battistoni Filho (1989), a arquitetura moderna nasceu a partir das inúmeras transformações técnicas, sociais e culturais desencadeados pela Revolução Industrial. O momento revolucionário acompanhou um crescimento da população operária nos grandes centros urbanos, o que gerou um problema social que preocupava os intelectuais da época. Desta forma, o movimento modernista teve uma base estética, mas também social, ao se questionar sobre os problemas da sociedade.

Zevi (1996) afirma que o espaço moderno se fundamenta na chamada “planta livre”, na qual as divisões se tornam livres, podendo ser curvas e moventes, o que possibilita a conjugação dos ambientes. A nova arquitetura, portanto, permite “[...] passar do plano estático da casa antiga, para o livre e elástico do edifício moderno” (ZEVI, 1996, p.123). A arquitetura moderna explora estas novas técnicas, permitindo, também, contato absoluto entre os espaços interiores e exteriores através de paredes de vidro.

De acordo com Battistoni Filho (1989), na arquitetura moderna houve duas grandes tendências: o organicismo e o funcionalismo. Enquanto os organicistas acreditavam que a arquitetura deveria ser integrada à natureza, se adaptando às condições naturais, para os funcionalistas o espaço arquitetônico independe do espaço natural, e seu aproveitamento é feito racionalmente, sendo assim, a forma segue a função. O funcionalismo teve como seu principal representante o suíço Le Corbusier, arquiteto este que viria a influenciar diretamente a arquitetura moderna brasileira no século XX.

OS PRIMÓRDIOS DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL

Para os historiadores, segundo Segawa (1999), o marco inicial do movimento moderno no Brasil aconteceu em São Paulo, no ano de 1917, com a exposição de pintura de Anita Malfatti.

Embora, o movimento tenha sido fomentado a princípio pela pintura e pela literatura, visava a renovação do ambiente cultural em geral e logo se articulou o primeiro grupo modernista brasileiro. A primeira manifestação conjunta desse grupo aconteceu em 1922, como aponta Segawa (1999), com a Semana de Arte Moderna, no ano da comemoração do centenário da independência do Brasil.

A Semana de Arte Moderna de 1922, como coloca Bruand (2005), teve pouca influência direta sobre a arquitetura brasileira, pois os arquitetos que dela participavam tinham pouco conhecimento do que se fazia de moderno pelo mundo em relação ao racionalismo estrutural, além de serem dominados pelo ecletismo.

O que se praticava na época era o ecletismo, termo que, segundo Rocha-Peixoto (2000), designa a atitude de formar um todo a partir da justaposição de elementos escolhidos entre diferentes sistemas, ou seja, uma arquitetura que associa num mesmo edifício referências estilísticas de diferentes origens. Portanto, a arquitetura brasileira, no final do século XIX e início do XX, revelava pouca originalidade, o que se comprova pelos projetos arquitetônicos dos edifícios construídos na época que, conforme Bruand (2005), apenas imitavam modelos vigentes na Europa.

Por fim, embora a Semana de Arte Moderna não tenha exercido influência direta sobre a arquitetura, as novas ideias propostas pelos pensadores modernos provocaram uma ruptura de formas e modelos arquitetônicos. De acordo com Bruand, a Semana “[...] criou um clima novo, revelou um espírito de luta contra o marasmo intelectual, contra a aceitação incondicional dos valores estabelecidos” (BRUAND, 2005, p.63). Desta forma, apesar de suas consequências não terem sido imediatas, desenvolveu no campo da arquitetura condições favoráveis para o questionamento e formulação de novos moldes e conceitos.

2.2.1 A tentativa de reforma da Escola de Belas Artes

Para Segawa (1999), o ano de 1914 é marcado pelo surgimento de um movimento que incorporaria um novo componente no debate sobre a modernização da arquitetura no Brasil. Nesse ano, o arquiteto e engenheiro Ricardo Severo proferiu uma conferência na qual tratou sobre a necessidade da valorização da arte tradicional como manifestação da nacionalidade e como elemento de constituição de uma arte brasileira, defendendo a arte colonial como orientação para esta realização. A partir desta ideia, surge o Movimento Neocolonial, denominado pelo médico e historiador de arte José Mariano Filho, no Rio de Janeiro, o que assegurou maior repercussão à ideia concebida por Severo.

[...] a arquitetura neocolonial foi o símbolo de uma tomada de consciência nacional, que a seguir iria se desenvolver e dar um caráter particular às realizações brasileiras. [...] o estilo neocolonial constituiu-se numa transição necessária entre o ecletismo de caráter histórico, do qual era parte intrínseca, e o advento de um racionalismo moderno, cuja origem foi a doutrina de Le Corbusier, mas cuja grande originalidade local não pode ser questionada (BRUAND, 2005, p.58).

Em meados de 1930, a Escola Nacional de Belas Artes estava dominada pelo modismo do neocolonial. Porém, conforme Bruand (2005), embora os jovens arquitetos seguissem ardorosamente este estilo, alguns não ignoravam a polêmica e as realizações do movimento modernista. Lucio Costa, de acordo com Wisnik (2001), enxergava no movimento a possibilidade de reaproximação entre a arte e a técnica e via no espaço moderno, flexível e liberto da estrutura, o surgimento de um novo campo expressivo para a arquitetura.

Em outubro de 1930, ocorre a tomada do poder central por Getúlio Vargas. Uma das primeiras medidas do novo regime foi a criação do Ministério da Educação, sendo nomeado ministro o jurista Francisco Campos, que escolheu como chefe de gabinete o advogado Rodrigo Mello Franco de Andrade, um intelectual ativo e de espírito aberto, que, de acordo com Bruand (2005), convenceu o ministro a convocar Lucio Costa para uma reforma no ensino da Escola de Belas Artes.

Deste modo, como propõe Segawa (1999), Lucio Costa foi nomeado com poderes plenos para reformular o ensino acadêmico nela ministrado e, devido ao fato de até então ter desenvolvido uma prática profissional de arquitetura eclética e ser associado ao movimento neocolonial, sua nomeação inicialmente foi bem acolhida pelos artistas e arquitetos tradicionalistas.

De acordo com Bruand (2005), a reforma pretendia proporcionar aos seus alunos uma opção entre o ensino acadêmico, que seria ministrado por professores catedráticos, e o ensino ministrado por professores mais jovens, identificados com o movimento moderno.

Lucio Costa (2003a) afirmava que o curso necessitava de uma reforma radical, pois o ensino até então era falho, pois em todas as grandes épocas, as formas estéticas e estruturais se identificavam, eram harmônicas e honestas, colunas que suportam e arcos que trabalham. Assim, criticava o ensino, afirmando que faziam exatamente o contrário, simulando arcos, colunas e vigas meramente como adornos.

Desta forma, a transformação se procedeu com o afastamento do corpo docente e com a contratação de professores alinhados ao modernismo, como Gregori Warchavchik e Affonso Eduardo Reidy, o que, de acordo com Segawa (1999), prontamente gerou reações nos tradicionalistas, que publicaram artigos agressivos na imprensa, atacando não só o modernismo, mas a figura de Lucio Costa.

Segundo Bruand (2005), o esquema da reforma introduziu no interior da Escola uma rivalidade entre professores modernos e tradicionalistas, de modo que desde o início surgiram protestos violentos por parte dos meios profissionais. Entretanto, os alunos aderiram com entusiasmo, desertando em massa das antigas disciplinas para as novas. Porém, conforme Segawa (1999), esta experiência renovadora teria fim em setembro de 1931 quando Lucio Costa foi exonerado de seu cargo, o que gerou protestos por parte dos estudantes. De acordo com Bruand (2005), José Mariano Filho, antigo diretor da Escola, e seus colegas, fundamentados juridicamente, conseguiram a demissão de Lucio Costa, sufocando na origem as reformas até então iniciadas.

Entretanto, embora a reforma tenha falhado, Bruand (2005) afirma que os poucos meses que Lucio Costa dirigiu a escola foram suficientes para exercer uma influência decisiva nos alunos, que tomaram consciência da necessidade de abandonar a cópia dos estilos passados, sendo que os mais dinâmicos destes jovens estudantes não demorariam a revelarem-se adeptos da nova arquitetura, destacando-se significativamente nesta.

2.3 A ASCENSÃO DA NOVA ARQUITETURA

A ascensão da arquitetura moderna no Brasil teve início por volta de 1930, no governo de Getúlio Vargas, sendo que, de acordo com Underwood (2002), esta “[...] não implicou nem a imediata realização de uma liberdade formal, nem a completa negação do passado colonial” (UNDERWOOD, 2002, p.10). Com a Revolução de 30, um novo tipo de Estado nasceu mais centralizado e autônomo, em que se promovia, segundo Boris Fausto (2004), uma política trabalhista e, no qual a atuação econômica agora se voltava para os objetivos de promover a industrialização. Surgiram, portanto, transformações econômicas, tecnológicas, políticas e sociais que permitiram, como coloca Bruand (2005), o surgimento desta nova fase da arquitetura brasileira, fruto do racionalismo internacional e da influência de Le Corbusier.

De acordo com Bruand (2005), porém, os obstáculos a superar ainda eram imensos, como a indiferença ou hostilidade da opinião pública, incompreensão geral, necessidade de contornar a legislação municipal, o alto custo dos materiais industrializados e os métodos de construção ainda artesanais.

A transformação da Escola de Belas Artes mostrava efeito. De acordo com Souza (2003), Lucio Costa conseguiu transformar um museu numa escola viva, a revolução do ensino era total, passava-se a estudar a função. E, nesse ambiente, formaram-se os primeiros arquitetos modernos como Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Luiz Nunes, Jorge Moreira, Alcides da Rocha Miranda, entre outros, que impulsionariam a nova arquitetura que nascia.

Para Bruand (2005), a arquitetura moderna brasileira começou a realmente tomar força quando o então ministro da Educação, Gustavo Capanema, crente de que a cópia dos estilos históricos não tinha sentido e de que o século XX deveria encontrar seu próprio meio de expressão, recusou o projeto que fora premiado no concurso para o futuro edifício do Ministério da Educação e Saúde, solicitando um novo projeto de Lucio Costa.

2.3.1 O edifício do Ministério da Educação e Saúde

O ano de 1936 foi fundamental na história da arquitetura brasileira. Neste ano, conforme Bruand (2005), Le Corbusier vem ao Brasil a convite do ministro Gustavo Capanema para assessorar a equipe de arquitetos encarregados pelo novo projeto do edifício do Ministério da Educação e Saúde, equipe formada por Oscar Niemeyer, Affonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão e Ernani Vasconcellos, sendo estes liderados por Lucio Costa.

Não que o estrangeiro viesse impor sua visão cubista da casa, trazendo de fora ou aqui elaborando a planta do novo palácio. Pelo contrário, a visita de Le Corbusier teve uma orientação tão marcadamente didática, e em seu melhor sentido, que chega a surpreender. Sua atitude foi a de estudar junto, de apenas encaminhar o esclarecimento das questões e a solução dos problemas. E a melhor prova de sua eficiência como professor se patenteia no ter deixado aqui, ao se retirar, não o risco de um prédio público, mas um grupo de jovens arquitetos capacitados a resolver esse problema urgente e, mais, de construir, como realmente veio depois a construir, as melhores amostras contemporâneas do país. (MACHADO, 2003, p. 77).

De acordo com o ministro Gustavo Capanema (2003), em virtude das leis brasileiras, não seria possível fazer um contrato com Le Corbusier, assim, teriam que lhe pagar de outro modo. Portanto, combinaram que este teria uma terceira incumbência no Brasil: fazer um ciclo de conferências sobre a nova arquitetura, mediante remuneração. Desta forma, Le Corbusier pronunciou uma série de palestras, marcando a época e caracterizando o surgimento de uma corrente arquitetônica carioca fortemente influenciada por suas teorias funcionalistas. Em 1937, conforme Battistoni Filho (1989), o projeto do Ministério é aprovado, e logo se tornaria o primeiro grande marco da arquitetura moderna brasileira.

Foi assim que a decisão histórica de Gustavo Capanema unida ao pioneirismo de arquitetos como Lucio Costa, Carlos Leão e Reidy, influenciados por Le Corbusier e atentos também às lições de Mies van der Rohe e Walter Gropius, foram fatores que ajudaram a definir a arquitetura moderna brasileira como uma “[...] expressão cultural nacional independente da conceituação e de seus modelos originais europeus e caracterizada por recriações e invenções locais” (BATTISTONI FILHO, 1989, p.137).

Segundo Segawa (1999), “[...] a sede do Ministério da Educação e Saúde é considerado o ponto inicial de uma arquitetura moderna de feitiço brasileiro (SEGAWA, 1999, p.92)”. Sua construção se arrastaria ao longo dos anos com dificuldade e, por volta de 1942, o edifício estava virtualmente completo em seus exteriores, sendo então fotografado pelos norte-americanos para uma exposição, porém, a inauguração oficial por Getúlio Vargas só aconteceria em 1945.

Nas palavras de Andrade (2007), o prédio do Ministério (Figura 01) “[...] é uma maravilha de paisagem: o prédio solto no centro do quarteirão, abrindo novos espaços públicos numa área onde todos os prédios se localizam no alinhamento frontal dos lotes” (ANDRADE, 2007, p.01), e ainda ressalta o uso dos *pilotis*, os jardins do paisagista Burle Marx (Figura 02) e os azulejos de Portinari que acrescentam arte à vista do pedestre.

Apesar de toda a beleza do prédio do Ministério e de ter sido espalhado pelo mundo como a marca da nova arquitetura brasileira, para Souza (2003) este ainda trazia a rigidez das linhas retas da arquitetura europeia, sendo que a arquitetura moderna brasileira começaria, de fato, com o uso das linhas curvas e leves de Oscar Niemeyer no Conjunto da Pampulha.

Figura 1 – Edifício do Ministério da Educação e Saúde em foto da época



Fonte: (COMAS, 2006).

Figura 2 – Jardim de Burle Marx no terraço jardim do Edifício do Ministério da Educação e Saúde



Fonte: (ANDRADE, 2007).

2.3.2 A relação Lucio Costa - Niemeyer

Enquanto a construção do Ministério da Educação e Saúde se arrastava, um ou outro projeto antecipou a surpresa que este viria a causar. Em 1939, acontece nos Estados Unidos a Feira Internacional de Nova York, na qual viriam a participar Lucio Costa e Oscar Niemeyer na construção de um pavilhão. Este acontecimento impulsionou o

movimento moderno brasileiro. O concurso realizado entre os modernistas teve como vencedor Lucio Costa, que segundo Cavalcanti (2001) ao reconhecer a inventividade e criatividade das curvas do projeto de Niemeyer, classificado em 2º lugar, convidou-o para juntos projetarem o pavilhão brasileiro.

Segundo Cavalcanti (2001), “[...] Costa e Niemeyer passaram quase um ano em Nova York, entrando em contato com a cena americana e internacional, realizando uma das melhores obras de nosso modernismo” (CAVALCANTI, 2001, p.20). Neste projeto (Figura 03), que utilizava o vocabulário básico de Le Corbusier, iniciou-se o estabelecimento de uma linguagem própria brasileira, independente e autônoma da matriz europeia.

Figura 3 – Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova York



Fonte: (SEGAWA, 1999).

2.4 A REALIZAÇÃO DE BRASÍLIA

Segundo Bruand (2005), quando Juscelino Kubitschek promete em sua campanha eleitoral efetuar a transferência da Capital antes do fim de seu mandato, o antigo sonho da mudança da Capital Federal para o interior do Brasil (Figura 04), acalentado desde a Independência ou mesmo antes, vislumbrou tornar-se real. De acordo com Costa (2011), no século XVIII o Marquês de Pombal já manifestava a possibilidade de transferir a capital para o interior.

Figura 4 – Mapa do Brasil com as distâncias entre o Distrito Federal e as demais capitais brasileiras.



Fonte: (MELLO, 1960).

Em 31 de janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek é eleito e assume a presidência. Sua política econômica nacional-desenvolvimentista, que buscava promover o desenvolvimento, seria baseada num Programa de Metas, que abrangia 31 objetivos. Estes englobariam, de acordo com Fausto (2004), a questão da energia, dos transportes, da alimentação, das indústrias de base, da educação e a construção de Brasília, esta última, chamada de meta-síntese.

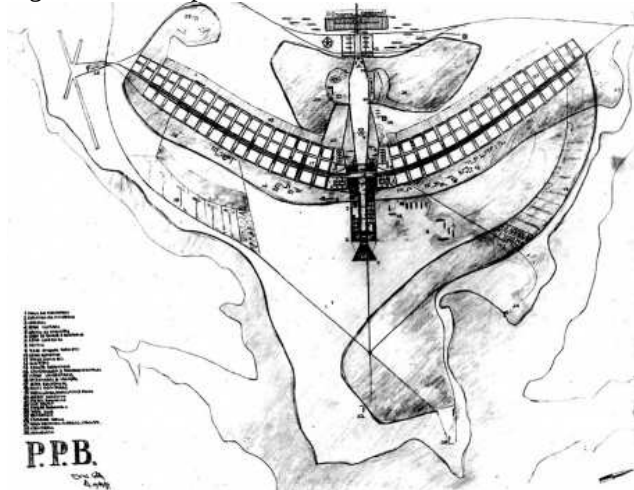
Portanto, aproximadamente 20 anos após a proposta do Ministério da Educação e Saúde, acontece o Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil no período compreendido entre setembro de 1956 e março de 1957. De acordo com Wisnik (2010), esta proposta marcou um momento de grande maturidade da produção arquitetônica no Brasil.

Nesta época, que compreendeu o final dos anos 50, houve o surgimento da bossa nova, e em 1958 o Brasil viria a conquistar o primeiro título da seleção brasileira na Copa do Mundo de Futebol. E, foi sob esta atmosfera de

otimismo, que, conforme Wisnik (2010), sob o governo de Juscelino Kubitschek e seus “anos dourados”, nasce a proposta da construção de Brasília, associando todo o otimismo desenvolvimentista da nação.

De acordo com o autor, a escolha do plano piloto, ocorreu segundo um processo contínuo, no qual foram separadas e debatidas inicialmente dez propostas, para se chegar ao resultado final em cinco dias. Porém, os trabalhos até então entregues não estavam à altura do plano urbanístico de uma grande capital. Entretanto, como cita Wisnik, “[...] faltando apenas dez minutos para o prazo se encerrar, eis que surge miraculosamente o projeto de Lucio Costa, entregue pela filha, Maria Elisa” (WISNIK, 2010, p.18), o qual viria a ser o plano piloto escolhido para a Nova Capital.

Figura 5 – Plano piloto de Brasília



Fonte: (CANEZ e SEGAWA, 2010).

A partir do plano piloto de Lucio Costa (Figura 05), Brasília foi construída em um curto período de tempo e tornou-se uma cidade onde a comunhão entre o urbanismo com a arquitetura é total. Inspirada em ideais humanitários e preocupados com o bem estar dos habitantes, a cidade é uma obra de arte. E, como Bruand (2005) afirma, Brasília se “[...] situa numa categoria invejável em meio às grandes realizações de todos os tempos” (BRUAND, 2005, p.372).

Brasília coroa, em seu momento, um processo de modernização em vários níveis, que vão do local ao mundial e se interpenetram. Assim, ela também sela a colaboração sinérgica entre Estado e arquitetura na construção do Brasil moderno, bem como entre Lucio Costa e Oscar Niemeyer – o pai fundador da arquitetura moderna brasileira e o seu principal protagonista -, completando um processo de formação cultural iniciado em 1936, com o projeto do edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro (WISNIK, 2010, p.09).

De acordo com Holston (2004), os criadores de Brasília não só a idealizavam como o símbolo de uma nova época, mas como um meio capaz de gerar uma transformação da sociedade brasileira. Desta forma, segundo Bruand (2005), Brasília pode ser considerada como a expressão de uma vontade de afirmação da grandeza, bem como da vitalidade do país, em uma época de pleno desenvolvimento da nação.

2.5 ARQUITETURA BRASILEIRA APÓS BRASÍLIA

De acordo com Canez e Segawa (2010), com o golpe militar de 1964, mudaram-se os rumos de um devaneio político e social que se afigurava nos anos 1950. Brasília tornava-se a capital da ditadura por imposição e Lucio Costa manteve-se afastado da cidade durante um longo período da ditadura, voltando a se aproximar apenas com a gradual redemocratização que eventualmente ocorreu.

Segundo Guimaraens (2002), entre o golpe de 1964 e o início da abertura política, em meados de 1970, criou-se o Banco Nacional da Habitação, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano e a Empresa Brasileira de Transportes Urbanos. Ainda nesse contexto, aconteceram mudanças nas bases de formação e nas formas de atuação dos arquitetos, sendo que críticas diversas foram feitas e direcionadas às novas faculdades instituídas e ao mercado de trabalho, assim como se redefiniram opiniões sobre a quebra dos paradigmas, a complexidade dos programas, a tecnologia e o conceito de espaço arquitetônico.

A repressão cultural imposta pelo novo regime trouxe, de acordo com Bastos (2003), sérias consequências para o ensino da arquitetura e sobre a imprensa especializada em arquitetura. A produção nacional não era mais difundida, bem como o interesse internacional pela arquitetura brasileira decaiu.

Para Rosseti (2007), com a ditadura, o funcionamento do campo cultural e artístico se alterou, o que trouxe reflexos para o campo arquitetônico, bem como para a vida cotidiana e a rotina profissional. No campo da arquitetura, a

ditadura foi um fator menos relevante para o processo projetual, porém, alterou as condições nas quais se projetava, muitas vezes inviabilizando novos projetos e restringindo o arquiteto. Desta forma, as restrições acabaram por incidir sobre as trajetórias de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, entre outros grandes arquitetos. Lucio Costa, por exemplo, perdeu a oportunidade de projetar o Memorial Kennedy, devido a questões familiares que teve de resolver em consequência do golpe militar.

Já nos anos 1980, de acordo com Colin (2004), a abertura política trouxe consigo uma grave crise econômica, junto com o realinhamento cultural com o resto do mundo. Nessa época voltam a circular as revistas de arquitetura nacionais bem como os livros e revistas estrangeiros. Também, nesse período, chegam ao Brasil as tendências conhecidas como pós-modernas.

Atualmente, a arquitetura brasileira é diversificada e abrange várias tendências. Segundo Colin (2004), “[...] as formas arquitetônicas aqui adotadas no presente, sob o pretexto de serem atuais, são tomadas emprestadas por puro mimetismo, faltando uma reflexão mais profunda sobre nossa própria vocação” (COLIN, 2004, p.143). Pode-se afirmar, também, que a produção recente está relacionada ao que o nosso tempo tem de pior, sua natureza consumista e mercadológica, faltando uma maior reflexão sobre as verdadeiras raízes da concepção arquitetônica.

Segundo Mahfuz (2002), é evidente a perda de qualidade e direção da prática arquitetônica no país após a década de 1960. Para o autor, a partir da inauguração de Brasília, é perceptível a decadência gradual dos valores que possibilitaram tal arquitetura, de alta qualidade e aclamada até no exterior.

[...] eu arriscaria dizer que o principal fator que determinou o abandono da arquitetura moderna no Brasil, e que inclusive permitiu a penetração tão fácil de valores culturais prejudiciais, foi o desconhecimento do que significava essa arquitetura e quais eram seus verdadeiros valores, por parte das gerações que sucederam aquela, tão bem sucedida, que inicia a sua projeção a partir do edifício do Ministério da Educação e da Saúde (MAHFUZ, 2002, p.01).

De acordo com Mahfuz (2002), a perda da noção exata do sentido e valor da arquitetura moderna gerou muitas interpretações equivocadas, como as que identificaram a arquitetura moderna com um determinismo sócio-técnico que conduzia à forma de modo mecânico e, por outro lado, acreditavam que o valor fundamental da arquitetura moderna era a busca do original, do inédito, da novidade.

Portanto, urge que voltemos a olhar intensamente para a produção da arquitetura brasileira realizada entre 1930 e 1960. Ali está algo que é muito mais do que um estilo a ser revivido. Trata-se, isso sim, de um modo de concepção formal atemporal, cuja retomada talvez pudesse nos ajudar a sair do beco em que nos metemos, e retomar um caminho que nos leve outra vez a possuir uma arquitetura autêntica própria, forte o suficiente para absorver as influências externas sem se deixar dominar por elas (MAHFUZ, 2002, p.01).

Para Colin (2004), este estado atual em que a arquitetura brasileira se encontra não é irreversível, porém requer um trabalho de conscientização, introspecção e estudo.

3 ABORDAGENS

De acordo com Bruand (2005), a posição de destaque que o Brasil ocupou no campo da arquitetura se deve, sem dúvida, ao surgimento de alguns talentos individuais, porém afirma que além do papel decisivo dos intelectuais, foram necessárias condições propícias a esta realização. Para Wisnik (2001), a figura chave na implantação da arquitetura moderna no Brasil pertence a Lucio Costa, que também é a figura central na definição das normas e diretrizes de preservação do patrimônio histórico no Brasil, bem como fundador da historiografia arquitetônica brasileira.

A influência de Lucio Costa sobre a arquitetura contemporânea brasileira foi considerável, ainda que ele não tenha exercido em tempo integral a profissão de arquiteto, em razão de suas funções no Serviço do Patrimônio Histórico e, ainda que, por causa disso, ele tenha construído muito menos que vários e seus colegas. Há vários motivos para tanto: o papel de pioneiro que ele exerceu na reforma abortada da Escola Nacional de Belas Artes [...] e na direção da equipe do Ministério da Educação; sua cultura geral e sua abordagem teórica dos problemas técnicos, históricos e artísticos amplamente desenvolvidos em seus escritos; enfim, a qualidade das suas obras realizadas (BRUAND, 2004, p.15).

De acordo com Wisnik (2001), Lucio Costa foi o personagem principal em três situações fundamentais da história arquitetônica brasileira, sendo elas, a reviravolta do ensino na Escola Nacional de Belas Artes em 1930, o projeto do Ministério da Educação e Saúde em 1936 e o projeto para o Plano Piloto de Brasília em 1957.

Desta forma, pretende-se analisar estes três episódios, devido à sua importância, sendo relatada a contribuição e importância de Lucio Costa em cada um. Para tanto, a própria visão de Lucio Costa em relação a estes episódios será relacionada à visão de outros autores.

3.1 LUCIO COSTA E A REFORMA DA ESCOLA DE BELAS ARTES

Com a criação do Ministério da Educação e Saúde, em 1930, e a nomeação de Lucio Costa para a direção da Escola Nacional de Belas Artes com poderes plenos para reformulá-la, inicia-se, conforme aponta Segawa (1999), uma nova fase no ensino das artes. Lucio Costa (2003a) julgava imprescindível uma reforma na Escola e acreditava que o ensino era falho, principalmente em relação à divergência entre a arquitetura e a estrutura, assim como, também criticava a “cenografia” que se fazia, na qual elementos desnecessários eram utilizados como meros adornos.

De acordo com Lucio Costa (2003a), era necessária uma reforma que buscasse aparelhar a Escola de um ensino técnico científico, bem como orientar o ensino artístico buscando harmonizar arquitetura e construção. Segundo o escritor Mario de Andrade (2003), Lucio Costa dirigiu a Escola com uma liberdade admirável. O escritor também elogiou o fato de o Salão de Belas-Artes ter obtido um aspecto novo, uma vez que Lucio Costa abriu as portas do Salão a todas as obras apresentadas, dando espaço aos novos artistas e afastando os mais velhos, que fugiam sob o pretexto de que os novos eram um “insulto à arte”.

De acordo com Segawa (1999), embora a princípio a reorganização da Escola tenha causado uma reação imediata dos profissionais mais tradicionalistas que, logo conseguiram a expulsão de Lucio Costa, para os alunos foi uma experiência bem sucedida, sendo que realizaram uma greve contra o afastamento de Costa da direção da Escola. Paulo Santos (2003) afirma que os alunos deliraram com as inovações e que entre eles já estava lançada a revolução modernista.

O novo diretor age discricionariamente. Transfere, demite professores. Estes movimentam-se contra ele. Os alunos tomam partido, transformando uma greve contra determinado professor num movimento de solidariedade a Lucio Costa. Procuram influir no governo para que lhes dê ganho de causa nas suas reivindicações, que no essencial eram de apoio à política de Lucio Costa (SANTOS, 2003, p.62).

Deste modo, para Santos (2003), a polêmica entre os tradicionalistas e os modernos, o antagonismo entre o diretor e a congregação, “[...] tiveram eletrizante efeito sobre os arquitetos e o público e puseram em evidência o movimento renovador que, de outro modo, poderia ter passado quase despercebido” (SANTOS, 2003, p.62). A reforma de Lucio Costa, portanto, foi um episódio fundamental na história da arquitetura moderna brasileira e, embora tenha sido amplamente criticada pelos tradicionalistas, foi marcante o suficiente para conscientizar toda uma geração de arquitetos.

3.2 LUCIO COSTA E O EDIFÍCIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Segundo Bruand (2005), o período no qual ocorreu a formação da equipe de arquitetos para o projeto da nova sede do Ministério da Educação e Saúde e a vinda de Le Corbusier ao Brasil para assessorar os mesmos, após o ministro Gustavo Capanema recusar o projeto de Archimedes Memória, correspondeu a um período em que se testemunhava a profunda vitalidade da nova arquitetura no Brasil.

De acordo com o relato pessoal de Lucio Costa (2003b), os novos conceitos arquitetônicos não haviam ainda sido assimilados pela opinião culta e popular e eram então desprezados.

Éramos todos ainda moços e inexperientes [...]; o mais velho e já vivido profissional era eu. Entretanto, agimos como donos da obra, construída sem interferência de um empreiteiro geral [...]. Foi uma experiência difícil tanto mais que a concepção arquitetônica do prédio era tida pela crítica e opinião pública como exótica, imprópria para ambientação local, além de “absurda” por deixar o térreo em grande parte vazio (COSTA, 2003b, p.137).

Segundo o ministro Capanema (2003), Lucio Costa era o que tinha mais prestígio dentro da equipe e já havia sido diretor da Escola de Belas Artes, o que o tornou naturalmente o presidente dessa comissão de arquitetos. O projeto, que datava de 1936, e teve a construção iniciada no ano seguinte, somente foi inaugurado em 1945, após uma lenta construção. Para Lucio Costa, “[...] é difícil ao arquiteto de hoje perceber a significação dessa obra e aquilatar o que ela representou de paixão, de esforço, de sacrifício” (COSTA, 2003a, p.135), o arquiteto também afirma que esta jamais perderá a força e a carga expressiva que possui. De acordo com Bruand (2005), o edifício traz a marca profunda de Le Corbusier, ao mesmo tempo em que traz a personalidade dos arquitetos talentosos que o realizaram.

Outra característica importante a ser ressaltada é a saída de Lucio Costa da direção do grupo em 1940, confiando-a a Niemeyer sem qualquer contestação dos colegas. Este movimento demonstra o reconhecimento que todos tinham por Niemeyer, cuja contribuição na concepção plástica do projeto foi preponderante.

Lucio Costa (2003b) afirma que apesar das dificuldades e obstáculos no caminho, tudo valeu a pena, inclusive a decisão de se afastar da obra quando sentiu que já perdia o poder de decisão e que sua presença tolhia os demais. O edifício, segundo Bruand (2005), correspondeu às expectativas do ministro Gustavo Capanema, tendo repercussão no exterior e tornando-se um símbolo nacional admirado universalmente.

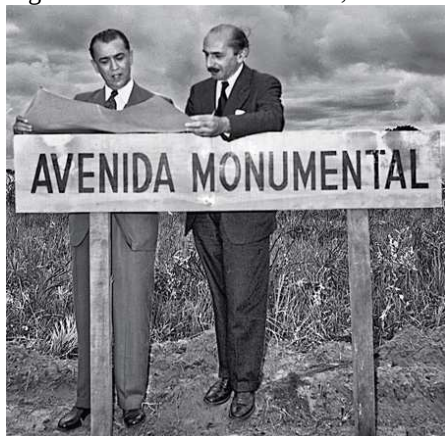
3.3 LUCIO COSTA E A REALIZAÇÃO DE BRASÍLIA

De acordo com Bruand (2005), embora não reste dúvida de que a responsabilidade pela fundação da nova Capital Federal cabe à Juscelino Kubitschek, a originalidade do plano piloto cabe à Lucio Costa que projetou um dos maiores marcos da arquitetura moderna, não só brasileira, mas mundial.

Segundo Segawa (1999), Lucio Costa atribuiu ao seu projeto o caráter de *civitas*, concebendo Brasília como a capital de um país, atributo nem sempre evidenciado nos projetos dos outros participantes. Desta forma, traça uma hierarquia que define claramente a dimensão pública (eixo monumental), a dimensão privada (eixo residencial), bem como a setorização das atividades em áreas especializadas.

O projeto [...] pode ser resumido como o encontro de dois eixos, com dois terraplenos e uma plataforma central, a estação rodoviária. Com o arqueamento de um dos eixos define-se uma área urbanizável triangular, forma que se rebate no desenho da Praça dos Três Poderes. Um eixo é chamado de monumental, abrigando as funções cívicas e políticas da cidade. O outro é chamado de rodoviário-residencial, pois concentra as áreas de moradia e circulação motorizada. Ao longo dele estão as superquadras, conjuntos de quatro quadras de 300m de lado envolvidas por densa vegetação, e ocupadas por edifícios lineares de seis pavimentos sobre pilotis, formando uma “vizinhança” servida de infra-estrutura de serviços e comércio para a comunidade (WISNIK, 2001, p.101).

Figura 6 – JK com Lucio Costa, em 1957, onde seria o Eixo Monumental



Fonte: (VILLAMÉA, 2010).

Para Bruand (2005), o eixo monumental (Figuras 06 e 07) definido por Lucio Costa foi um êxito que, atuando como espinha dorsal da cidade, exigiu um tipo de arquitetura original que Niemeyer foi capaz de assegurar. E, embora Niemeyer tenha tomado partido na concepção arquitetônica dos edifícios com maestria, a exímia perícia de Lucio Costa como urbanista é demonstrada no fato de que este:

[...] agiu como um verdadeiro regente de orquestra: determinou não só a implantação precisa dos edifícios, como também o próprio terreno, arranjado numa série de esplanadas de amplitude, configuração e níveis variados a fim de criar e explorar a vasta gama de perspectivas permitidas por essa disposição. (BRUAND, 2005, p.361).

Figura 7 – O Eixo Monumental visto da torre de televisão



Fonte: (BRUAND, 2005).

Já no âmbito residencial, conforme Segawa (1999), a organização que Lucio Costa definiu baseada em blocos habitacionais isolados, dispostos em grandes áreas verdes e eliminando a rua tradicional e o lote privado, caracterizaram

o espaço residencial como uma extensão contínua e livre, sem barreiras e tráfego de automóveis, como se fosse um grande parque público.

Estas grandes áreas habitacionais, denominadas superquadras (Figura 08), confeririam aos habitantes vários benefícios, explicitados por Bruand (2005), como, contexto arejado, onde os prédios ocupam uma pequena proporção da superfície do solo; tranquilidade, devido à exclusão da circulação de automóveis que não seja o trânsito puramente local; disposição ao alcance imediato de comodidades essenciais, como lojas e mercados; entre outros.

Figura 8 – Superquadra da Asa Sul em construção



Fonte: (TORELLY, 2014).

Apesar da grandiosidade do projeto para Brasília, esta poderia ser construída em um curto período de tempo, quatro anos. Este fator foi uma das grandes virtudes observadas pelo júri na proposta de Lucio Costa. De acordo com Segawa (1999), “[...] a prioridade atribuída à construção de Brasília e a sua inauguração em tempo recorde foi um audacioso lance de afirmação política perante a nação e uma bem sucedida ação de marketing internacional” (SEGAWA, 1999, p.126), uma vez que o Brasil demonstrava então ser um país com grandes iniciativas e capaz de grandes realizações.

De acordo com Bruand (2005), Brasília constitui um brilhante êxito e, apesar de alguns aspectos discutíveis e alguns defeitos inevitáveis, a cidade projetada por Lucio Costa é considerada uma notável realização urbanística na qual se vislumbra uma harmônica comunhão entre arquitetura e urbanismo.

4 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO

Tendo em vista o que já foi relatado no suporte teórico e revisão bibliográfica e nas abordagens, no presente capítulo será evidenciada a relevância de cada um dos três casos de estudo para a arquitetura moderna brasileira, para, posteriormente, os dados serem devidamente analisados nas análises da aplicação, buscando responder ao problema da pesquisa.

4.1 CASO 1: A REFORMA DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES

Conforme Bruand (2005), embora a reforma da Escola Nacional de Belas Artes tenha falhado, o período curto que Lucio Costa dirigiu a escola serviu para exercer uma influência decisiva nos alunos. Segundo Segawa (1999), a reforma teve um importante papel ao conscientizar os alunos da necessidade de abandonar a cópia dos estilos passados, como também, o episódio foi marcante o suficiente para conscientizar toda uma geração de arquitetos.

De acordo com Abelardo de Souza (2003), a transformação da Escola de Belas Artes logo surtiu efeito, e foi neste ambiente que se formaram grandes arquitetos como Niemeyer.

4.2 CASO 2: O EDIFÍCIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

De acordo com Bruand (2005), além da repercussão nacional, o edifício atingiu uma grande repercussão no exterior, primeiramente nos Estados Unidos e depois na Europa. O edifício foi publicado em todas as grandes revistas de arquitetura e se tornou um símbolo nacional. De acordo com Cavalcanti e Lago (2005), o edifício foi apresentado pela revista norte-americana *Progressive Architecture*, em 1943, como a obra de arquitetura moderna mais importante das Américas.

É notável a reputação que o edifício do Ministério da Educação e Saúde atingiu no exterior ao receber elogios de grandes nomes internacionais, como Walter Gropius (2003), que considerou o edifício um marco da arquitetura

moderna, e Bruno Zevi (2003), que expressou sua opinião ao afirmar que embora muitos anos tenham-se passado, o edifício do Ministério permanece uma obra-prima.

Bruand (2005) afirma que a construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde foi decisiva para manifestar os novos rumos da arquitetura global e que nenhuma outra realização contemporânea exerceu papel de igual importância. Para Cavalcanti e Lago (2005), o edifício do Ministério foi precursor dos grandes edifícios públicos modernos construídos na Europa e nos EUA após a guerra e pode ser considerado até hoje um dos paradigmas da arquitetura moderna mundial.

4.3 CASO 3: BRASÍLIA

Conforme Cavalcanti e Lago (2005), a inauguração de Brasília foi aclamada como algo muito maior do que a simples construção de uma nova capital. Brasília correspondeu a uma concretização do desejo de progresso e de um futuro melhor. Holston (1989) afirma que esta foi projetada para ser mais que meramente o símbolo de uma nova era, mas um meio de transformar a sociedade brasileira.

Para Bastos (2003), Brasília é um marco na arquitetura contemporânea brasileira e pode ser considerado o apogeu ou coroamento do período moderno, ao expressar a concretização da utopia da cidade moderna. E, como Bruand (2005) cita, este projeto arquitetônico ultrapassou o contexto local, demonstrou a capacidade de criação daquela época, sendo considerada uma das grandes realizações de todos os tempos.

5 ANÁLISE DA APLICAÇÃO

Constatou-se, após a reflexão, que o arquiteto e urbanista Lucio Costa teve um papel significativo na difusão da arquitetura moderna no Brasil. O fato de Lucio Costa ter sido protagonista em episódios primordiais na história da arquitetura moderna brasileira, como a reforma da Escola Nacional de Belas Artes, a elaboração projeto do Ministério da Educação e Saúde e a realização do plano piloto de Brasília, de acordo com Wisnik (2001), reforça esta afirmação.

A reforma dirigida por Lucio Costa na Escola Nacional de Belas Artes, por volta de 1930, expressou uma vontade de mudança por parte da nova geração. A sua relevância para a arquitetura brasileira se baseia na influência deste movimento em toda uma geração, o que acelerou o processo que permitiu a ascensão da arquitetura moderna brasileira, caracterizando um período de transição.

Já no ano de 1936, Lucio Costa novamente representa um papel de destaque ao liderar a equipe encarregada do edifício sede do Ministério da Educação e Saúde. Lucio consegue a vinda do arquiteto, urbanista e pintor franco-suíço Le Corbusier ao Brasil para assessorar sua equipe, novamente influenciando a nova geração com as ideias de Le Corbusier.

O projeto do edifício foi um sucesso, sendo admirado internacionalmente, o edifício é considerado uma maravilha moderna, uma obra-prima e um exemplar do que a arquitetura moderna brasileira tinha capacidade de produzir. Conforme o item 4.2, o edifício chegou a ser publicado em todas as grandes revistas de arquitetura da época e considerado por uma delas como a obra de arquitetura moderna mais importante das Américas. Este episódio, caracterizado pela participação na elaboração de uma obra pública, também demonstrou a importância da relação entre arquitetos e o governo, o que seria ainda mais ressaltado em Brasília.

A construção de Brasília foi uma grande realização urbanística que correspondeu a um desejo de progresso, desenvolvimento e de transformação da sociedade. Sua elaboração representa a materialização da utopia da cidade moderna, tão sonhada pelos modernistas. A realização de Brasília foi o ápice deste período, ao demonstrar a capacidade de criação daquela geração e a capacidade e evolução da arquitetura brasileira. Recebendo tanto críticas quanto elogios, a cidade tornou-se um marco na arquitetura e urbanismo contemporâneos. Foi o apogeu da arquitetura moderna brasileira, caracterizada por um período em que governantes e arquitetos convergiam, de certa forma, em um pensamento, a manifestação de progresso e capacidade de transformação pela arquitetura.

É notável como cada um dos casos caracterizou um período distinto. A reforma na Escola de Belas Artes caracterizou um período de transição e conscientização do movimento que vinha a surgir. A construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde definiu um período de ascensão da arquitetura moderna brasileira. Sendo assim, se o primeiro e segundo casos definiram, respectivamente, períodos de transição e de ascensão, a realização de Brasília pode ser considerada o ponto culminante da arquitetura moderna no Brasil. Além de ter sido de extrema importância não apenas para a arquitetura, representa a nova capital e o símbolo de desenvolvimento e capacidade de um país em progresso.

Sendo assim, dentre os três momentos analisados, embora cada um tenha sido importante em seu próprio aspecto, sem desmerecer os demais, a reforma na Escola de Belas Artes e o edifício do Ministério da Educação e Saúde traçaram um caminho que resultaria na realização de Brasília, e é nesta, como símbolo maior da arquitetura brasileira, que reside a maior relevância e significância para a arquitetura moderna no Brasil, confirmando a hipótese inicial.

Após a análise destes três episódios que definiram a arquitetura moderna brasileira, e, como cita Bruand (2005), é notável que foi graças a intelectuais talentosos como Lucio Costa que se deve a posição de destaque que o Brasil ocupou no ramo da arquitetura, sendo que, principalmente, é à visão de Lucio Costa que cabe, não desvalorizando os demais personagens desta história, o brilhante êxito que foi Brasília, episódio em que, tanto quanto esta, seu idealizador exerceu um papel significativo na afirmação da força de vontade, de otimismo, e desenvolvimento de toda uma nação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa abordou o assunto arquitetura moderna brasileira, tendo como tema a importância representada por Lucio Costa na configuração da nova arquitetura com representatividade global. O método de análise utilizado foi o histórico bibliográfico, no qual através de um levantamento bibliográfico sobre o determinado tema, foi possível a reflexão sobre os movimentos vanguardistas que se desenvolviam na Europa e o Movimento Modernista que florescia no Brasil na década de 1920. O movimento Modernista se destacou pela configuração de um novo pensamento que atendia às necessidades do homem moderno, sendo essencial nas artes, como também, nas ciências humanas, políticas e sociais.

A arquitetura moderna brasileira não deve ser considerada apenas a partir de marcos específicos, mas entendida como um processo que aconteceu aos poucos, e impulsionado, principalmente, pela reforma na Escola Nacional de Belas Artes. Constatou-se que a importância de Lucio Costa para a difusão e, consequente, aceitação da arquitetura moderna no Brasil foi significativa, o que se confirma pelo protagonismo do arquiteto em, pelo menos, três dos episódios mais importantes da arquitetura moderna no país: a reforma na Escola Nacional de Belas Artes, o edifício do Ministério da Educação e Saúde e a construção de Brasília.

Sendo assim, tomando como casos de estudo estes três episódios, o problema que conduziu a pesquisa se propôs a responder qual destes três episódios obteve maior relevância para a arquitetura brasileira. A hipótese inicial pressupôs que o episódio mais relevante para a arquitetura brasileira foi a realização de Brasília.

Deste modo, foi definido como objetivo geral problematizar sobre a importância de Lucio Costa para a arquitetura moderna brasileira. Para atingir este objetivo, foram definidos quatro objetivos específicos: resgatar a época e contexto nos quais a arquitetura moderna brasileira se desenvolveu; relatar a importância de Lucio Costa nos três casos de estudo definidos; destacar a relevância de cada um dos casos de estudo para a arquitetura brasileira; analisar os dados obtidos e responder ao problema da pesquisa.

Foi possível, portanto, uma reflexão crítica sobre o desenvolvimento dos movimentos de vanguarda que marcaram as sociedades modernas e que estabeleceram as novas definições do homem contemporâneo. Através da leitura e análise destes períodos e suas consequências, pode-se verificar que este período foi fundamental para as definições artísticas e culturais brasileiras, entre elas, a arquitetura, que buscou se desvincular dos antigos ditames europeus e se reconfigurar segundo uma exigência nacional.

Os três momentos definidos como objetos de estudo, nos quais Lucio Costa exerceu um papel fundamental, foram fundamentais para a configuração desta nova arquitetura ao demonstrar essa transição e a necessidade de uma ruptura com os modelos importados.

A hipótese proposta, sobre a representatividade de Lucio Costa neste processo, com destaque na construção de Brasília, foi confirmada através da pesquisa, coleta e análise dos dados. A cidade de Brasília, projeto que representa politicamente a nova estrutura da sociedade brasileira, também manifesta a união do Governo com as novas tendências de pensamento da modernidade. Sua repercussão, em âmbito mundial, também reforça a importância deste momento para o desenvolvimento verificado no Brasil no final do século XX. A construção da cidade, visada desde o final do século XVIII pelo Marquês de Pombal, revela também a integração centro-oeste brasileiro e a necessidade de interiorização da capital, anteriormente localizada no Rio de Janeiro. O projeto que concretizou esta criação, elaborado por Lucio Costa, revela mais do que uma nova vertente artística, mas denota a nova configuração do homem moderno brasileiro exigente de um pensamento que caracterizasse este novo momento da sociedade brasileira.

Nota-se, porém, que a pesquisa embora tenha atingido os objetivos delimitados, não se finda por aqui, uma vez que abre portas para novos estudos, em especial relacionados à prática atual da arquitetura e o direcionamento que esta tomou após Brasília, conforme consta no item 2.5.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Fernando de Souza Leão. Palácio Capanema: uma das 7 maravilhas do Rio? Minha Cidade. São Paulo, ano 08, n. 086.02, **Vitruvius**, set. 2007. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.086/1917>>.

ANDRADE, Mário de. O Salão. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

AQUINO, Flávio de. Os primórdios do modernismo no Brasil. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília: Rumos da arquitetura brasileira**. São Paulo: Fapesp, 2003.

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Pequena História da Arte**. São Paulo: Papirus, 1989.

BRAGA, Milton. **O concurso de Brasília: sete projetos para uma capital**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BRUAND, Yves. Lucio Costa: o homem e a obra. In: NOBRE, Ana Luiza et al (Orgs.). **Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CANEZ, Anna Paula; SEGAWA, Hugo. Brasília: utopia que Lúcio Costa inventou. *Arquitextos*. São Paulo, ano 11, n. 125.00, **Vitruvius**, out. 2010. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.125/3629>>.

CAPANEMA, Gustavo. Depoimento sobre o edifício do Ministério da Educação. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

CAVALCANTI, Lauro; LAGO, André Corrêa do. **Ainda Moderno?: Arquitetura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era moderno: guia de arquitetura – 1928 – 1960**. Rio de Janeiro: Aeroplano/IPHAN, 2001.

COLIN, Silvio. **Pós-modernismo: repensando a arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2004.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. Questões de base e situação: Arquitetura moderna e edifícios de escritórios, Rio de Janeiro, 1936-45. *Arquitextos*. São Paulo, ano 07, n. 078.00, **Vitruvius**, nov. 2006. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.078/293>>.

COSTA, Graciete Guerra da. Brasília 50 anos: A importância da cartografia na evolução urbana do Distrito Federal. In: *Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*, 2011, Paraty. Disponível em <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/COSTA_GRACIETE_G_2.pdf>.

COSTA, Lucio. A situação do ensino das Belas-Artes. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2003a.

_____. Relato pessoal. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2003b.

CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). **Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12ª edição, São Paulo: USP, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª edição, São Paulo: Atlas, 2010.

GROPIUS, Walter. Um vigoroso movimento. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

GUIMARAENS, Cêça. Arquitetura Brasileira após-Brasília: redescobertas? *Arquitextos*. São Paulo, ano 02, n. 022.02, **Vitruvius**, mar. 2002. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.022/799>>.

HARRISON, Charles. **Modernismo**. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

HOLSTON, James. **The modernist city: An anthropological critique of Brasília**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

_____. O espírito de Brasília: modernidade como experimento e risco. In: NOBRE, Ana Luiza et al (Orgs.). **Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.

MACHADO, Lourival Gomes. A renovação da arquitetura brasileira. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAHFUZ, Edson da Cunha. O sentido da arquitetura moderna brasileira. *Arquitextos*. São Paulo, ano 02, n. 020.01, **Vitruvius**, jan. 2002. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.020/811>>.

MELLO, Eduardo Kneese de. Porque Brasília. **Acrópole**. São Paulo, n. 256, p.04-17, feb. 1960.

MEMORIAL JK. **Biografia**. Disponível em <http://www.memorialjk.com.br/pt/?page_id=104> Acesso em: 18 ago. 2014.

NIEMEYER, Oscar. A forma na arquitetura. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. **A forma na arquitetura**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

NOBRE, Ana Luiza et al (Orgs.). **Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. Introdução. In: CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). **Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. **Arquitetura em transe**. Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Lina Bo Bardi: nexos da arquitetura brasileira pós-Brasília (1960-85), 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura). São Paulo: FAU-USP, 2007.

SANTOS, Paulo. A reforma da Escola de Belas-Artes e do Salão. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990**. São Paulo: USP, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. A verdade sobre o modernismo. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

SOUZA, Abelardo de. A ENBA, antes e depois de 1930. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

TORELLY, Luiz Philippe Peres. O Dia “D”. O desembarque de uma família no planalto central. *Minha Cidade*. São Paulo, ano 14, n. 166.04, **Vitruvius**, maio 2014. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/14.166/5166>>.

UNDERWOOD, David. **Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livres no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VILLAMÉA, Luiza. **Os três pais de Brasília**. Revista Isto É, n. 2110, 16 abr. 2010. Disponível em <http://www.istoe.com.br/reportagens/66012_os+tres+pais+de+brasilia>.

XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

WISNIK, Guilherme. **Lucio Costa**. Coleção Espaços da Arte Brasileira, São Paulo: Cosac Naify, 2001.

_____. A arquitetura lendo a cultura. In: NOBRE, Ana Luiza et al (Orgs.). **Um modo de ser moderno:** Lucio Costa e a crítica contemporânea. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. Brasília 50 anos: trilha torta por linhas retas. In: BRAGA, Milton. **O concurso de Brasília:** sete projetos para uma capital. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ZEVI, Bruno. **Saber Ver a Arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. A moda lecorbusiana no Brasil. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração:** arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 2003.